

Crítica da Razão Tupiniquim

Adriano Negris<sup>1</sup>

Gomes, Roberto. *Crítica da Razão Tupiniquim*. 14<sup>a</sup> ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2008.

214

O livro *Crítica da Razão Tupiniquim*, escrito por Roberto Gomes e publicado no ano de 1977, pode ser considerado uma forma de expor a maneira pela qual a Filosofia vem sendo produzida no Brasil. Aparentemente, o texto, escrito ainda no século passado, poderia vir a ser considerado anacrônico, ultrapassado. No entanto, a proposta crítica de Roberto Gomes para a construção de um pensamento filosófico genuinamente brasileiro ainda tem espaço e vigor, principalmente no circuito acadêmico, lugar onde se reproduz os problemas históricos e os cânones filosóficos europeu, muitas vezes sem qualquer barragem crítica.

O ponto chave do livro de Roberto Campos é a tentativa de se pensar um modo original de fazer Filosofia no Brasil. Isso implica, segundo o autor, reconhecermos o tipo de relação mantemos com a Filosofia. Trata-se, primeiramente, de reconhecermos que simplesmente importamos e incorporamos para a nossa vida academia uma Filosofia estrangeira, sem ao menos nos dar conta do nosso tempo e lugar na história.

Para iniciar sua proposta, o autor coloca em questão o próprio tema do seu livro: a Razão Tupiniquim. Esse é um tema para se pensar “*a sério*” ou, de maneira diversa, para encará-lo de forma “*séria*”? Para compreensão desse tema Roberto Gomes constata a existência de duas posturas possíveis frente à Filosofia: pode-se levá-la à *sério* ou ser *sério* quando se trata de assuntos atinentes à Filosofia.

Para o autor a palavra “*sério*” deve ser encarada como sinônimo de seriedade, ou seja, quando um sujeito se torna objeto da seriedade. O *sério* expressa muito mais a ideia de um objeto morto, caricato, que existe em função daquilo que lhe é exterior. Nesse sentido, o autor chama atenção para o fato de que *entre-nós*, muitas vezes, a Filosofia é algo sério. Esse caráter sério da Filosofia *entre-nós* é caracterizado pela excessiva ritualização. A Filosofia sendo algo sério, não importa o que está sendo dito,

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo PPGFIL/UERJ; Pós-Doutorando pela UNFOP

mas sim a maneira pela qual se é dito, visando reproduzir padrões previamente consagrados. Assim, para Roberto Gomes, no Brasil, o falar, o escrever e o pensar se tornaram atividades extremamente rígidas e formalizadas. No discurso intelectual brasileiro, segundo o autor, vigora o sério. No Brasil triunfa o homem sério, expressão daquilo que o autor denominará de *Razão Ornamental* e que representa a “estilística” de uma classe privilegiada diante de uma multidão analfabeta. Dito de outra maneira: o que muitas vezes importa ao circuito intelectual brasileiro, especialmente o filosófico, é a formalidade dos discursos, que deve seguir com rigidez e o rigor os cânones da filosofia ocidental, mesmo que isso venha se tornar uma prática completamente desvincilhada da realidade.

Dessa maneira, *Crítica da Razão Tupiniquim* é um livro que carrega no título um tom provocativo. Nessa obra o autor tenta “sair do sério”, no sentido anteriormente colocado. Segundo Gomes, a Filosofia brasileira só passará a existir como pensamento filosófico quando se tornar uma investigação ao avesso da seriedade vigente. Para o autor o *sério* sufoca o pensamento brasileiro, fazendo com que se perca a ligação e a referência crítica da realidade, que sempre foi a tarefa precípua da Filosofia. Como destaca o próprio autor, o filósofo brasileiro, capaz de pensar o século XIII europeu e todas as suas elucubrações metafísicas, não é capaz de enxergar um palmo diante do nariz. Este mesmo “pensador” não é capaz de cobrar um escanteio ou dançar um samba, como diz o autor (GOMES, 2008, p. 18). Conforme se vê, a proposta do autor é exatamente o abandono a aquilo que ele identifica como a tirania do *sério*, com a finalidade de ver o avesso das coisas e retirar de nossas costas o peso de séculos de academicismo.

Para Gomes, sempre que uma Razão se expressa a Filosofia é inventada. A questão que preocupa o autor é: que tipo de Razão nós expressamos? Como a nossa Razão, uma Razão brasileira, se manifesta? Para o nosso autor, as respostas a essas questões nos conduz a possibilidade de realizar uma Filosofia brasileira. Todavia, para isso seja possível, é necessário ter a consciência que estamos situados em um determinado tempo e lugar. Somente a partir de nosso tempo e do nosso lugar, ou seja, só quando realizarmos um autorreconhecimento é que poderemos expressar nossa Razão de maneira genuína. Segundo Gomes, a Filosofia, onde se expressa uma Razão, deve descobrir-se *em* (ou seja, num tempo histórico e situada geopoliticamente).

O significativo para o autor em termos de urgência de um pensamento original é o enfoque dado a forma e a consistência dos problemas de seu tempo, apresentando uma revisão crítica das questões sua época. Um pensamento original é aquele que está em relação com as forças que se dão em seu tempo e lugar; um pensamento original é um pensamento temporalmente e geograficamente situado. Dessa forma, para Gomes, não devemos aguardar uma solução estrangeira, pois nessa condição, estaremos sempre envoltos em saber estranho, o saber de um outro. Nas palavras do autor, “o original, em suma, é o avesso do estranho e do novo: tem raízes aqui e de longa data” (GOMES, 2008, p. 25).

Por essa razão nosso autor considera que a Filosofia brasileira só poderá ter condições de se construir de forma original quando se descobrir *no* Brasil. Para isso, é imprescindível que na aproximação com os temas estrangeiros se verifique se tais temas de fato nos importam, pois somente assim poderemos leva-los *a sério*, fazendo com que eles sejam efetivamente nossos.

Uma vez que *entre-nós* não estabelecemos um critério de avaliação submetido à uma verdadeira crítica, Roberto Gomes conclui que a problemática filosófica no Brasil não se forma por meio de uma investigação interna e vinculada as urgências do país. Por isso o autor menciona que para escapar da nossa realidade, simplesmente conciliamos ou suprimimos tudo aquilo que nos convém acerca do pensamento alheio. Esse tipo de postura frente a nossa realidade revela o que Gomes chama de Razão Ornamental. Desse modo, o intelectual brasileiro, se furtando a nossa realidade, transforma seu esforço em necessidade de reconhecimento e consideração. Como menciona o nosso autor, o intelectual tupiniquim querendo ser *sério*, para ser então levado *a sério*, acaba se policiando quanto ao que ele escreve, lê ou pensa. No entanto, agindo assim, esquece que pretende ser reconhecido pelo que não é, sendo seu pensamento transformado em puro ornamento.

Ao expor esse quadro, como o autor vem a caracterizar uma Filosofia *entre-nós*? Para Roberto Gomes há uma Filosofia *entre-nós*, ainda que ela seja um corpo estranho representado através de congressos, livros, revistas e uma Filosofia presente nos currículos universitários. Contudo, para além de expressar um caráter assimilativo das ideias alheias, a Filosofia *entre-nós* confirma um estado de dependência, no qual nossos intelectuais se reservam o direito de cumprir o papel de colonizados, sendo, portanto,

essencialmente assimilativos. No Brasil, a tarefa do “filósofo” estaria circunscrita a compreensão das ideias alheias e, como diz Gomes, “reduzir a história da Filosofia no Brasil à narrativa de nossa capacidade de assimilação e de nosso quociente de sensibilidade espiritual” (GOMES, 2008, p. 56).

A crítica construída pelo autor vai no sentido de apontar nosso esquecimento quanto à originalidade, deixando aqui penetrar e florescer o pensamento alheio, que é oriundo de uma situação histórica completamente distinta da nossa. Como acentua nosso autor, esquecemos que ideias vitais para um europeu poderão representar para nós apenas meros ornamentos intelectuais. Não obstante, admite-se a existência de uma Filosofia *entre-nós*, no entanto, o que é passível de crítica reside no fato de que nunca se questionou *a sério* as condições de uma Filosofia brasileira. Aqui, reiteradamente, limitamo-nos a sondar o valor da existência de livros de Filosofia escritos por brasileiros. De modo geral, para Roberto Gomes, nunca se perguntou *a sério* as verdadeiras condições de uma Filosofia brasileira, mas ficamos restritos a círculo vicioso ao valorizar autores que aqui escreveram sobre uma Filosofia alheia.

Para deixar esse estado de uma simples presença de uma Filosofia *entre-nós* e conquistar uma Filosofia *nossa*, Roberto Gomes aponta que devemos começar, de fato, a realizar uma reflexão crítica sobre nosso modo de existir, nossa própria linguagem, nossas falsificações existenciais e históricas. Basicamente, a proposta do autor é chamar atenção para nossa alienação filosófica. A alienação a que o autor destaca, em geral, reside no esquecimento do nosso próprio pensar. Esse esquecimento se concretiza na atitude de imaginar que o exercício filosófico deve partir sempre de teorias alheias, problemas alheios, palavras alheias, fazendo com que nossas próprias expressões fiquem aprisionadas aos moldes das línguas estrangeiras, ditas filosóficas “por excelência”, tal como o alemão. Diante disso, o autor entende que nossa incapacidade de pensar por conta própria e a insuficiência de um nosso pensar por incapacidade de nossa língua são apenas alguns equívocos que devem ser destruídos para a criação de um juízo filosófico verdadeiramente brasileiro.

Como tivemos a oportunidade de verificar, o livro objeto desta resenha apresenta uma contundente crítica ao modo de produzir o pensamento filosófico no Brasil. A primeira edição de *Crítica da Razão Tupiniquim* foi publicada no ano de 1977, período em que os rumos políticos de nosso país estavam sob comando da ditadura militar. Não

obstante as mudanças políticas, econômicas e sociais, o livro de Roberto Campos ainda é uma peça fundamental para compreendermos o momento atual da Filosofia em nosso país e um elemento fundamental para pensar os rumos que ela pode vir a tomar no futuro. Nesse sentido, *Crítica da Razão Tupiniquim* é um chamado para assumirmos a responsabilidade para com o nosso pensamento crítico e com a história do povo brasileiro.

Além disso, as críticas elaboradas sobre a forma de se fazer Filosofia no Brasil apresentam-se, ainda hoje, como um potente discurso que se alinha a outras perspectivas que lutam contra a continuidade do poder colonial, que se expressa em nosso país e na América Latina em sua dimensão social, econômica e, principalmente, epistemológica.